

“HARMONIA E TRABALHO”(*)

Esta bem poderia ser a legenda, de síntese primorosa, do brasão que ostentamos no ano judiciário que se finda e com que encerramos – com a certeza e a consciência do dever cumprido – a nossa jornada de labor fecundo e edificante. Como cidadãos e como magistrados, cumprimos as nossas obrigações para com a Pátria e para com os jurisdicionados.

Com trabalho denodado e diuturno, pudemos alcançar aquele “sentimento do dever” realizado que “vive nos nossos corações”, a que se referia Emmanuel Kant. Com a harmonia, em todos os segmentos da Corte, a presidir o espírito de quantos aqui exercem as suas nobilitantes funções, neste nosso “Templo de Justiça”, conseguimos, todos, sem exceção, servidores e magistrados, qual orquestra maviosamente ensaiada, sem quaisquer notas dissonantes, executar, irmanados e agregados em um só corpo, com perfeição, uma divina partitura.

Estou convencido de que víramos juntos, neste ano difícil, de expectativas coletivas, de indagações, de perplexidades, de angústias sociais e de grandes transformações, uma das mais belas páginas da história do Judiciário Trabalhista brasileiro.

Apesar de tudo, com as bênçãos do Criador sendo espargidas prodigamente sobre as nossas consciências de julgadores das ações dos homens e sobre os nossos espíritos isentos e desapaixonados, logramos honrar as tradições desta Corte Superior e da Justiça do Trabalho, de ser a estuária dos conflitos e tensões sociais, resultantes da luta infinda entre o capital e o trabalho que busca, em nossas togas silenciosas e missionárias, as tréguas repousantes do almejado equilíbrio e os oásis que dessedentam os litigantes, até o eterno recomeçar, e também, professar o nosso sagrado ministério – missão quase sacerdotal – de depositários dos anseios dos que ainda têm esperança.

É chegada, pois, a hora de dirigir a todos, e a cada qual, nesta última sessão de trabalho deste ano, a nossa mensagem de agradecimento, de reconhecimento, de confraternização e solidariedade e, sobretudo de fé, de confiança e de certeza quanto ao amanhã.

Pode parecer-lhes paradoxal que o velho magistrado, no crepúsculo de seu mandato de *primus inter pares*, na sobretarde de sua trajetória como partícipe ativo do apostulado judiciário e no poente de sua viagem como tripulante da nave errática que circunda as desvãos do Universo, na fascinante aventura da existência, esteja a falar-lhes de esperança e de futuro. É assim mesmo, no entanto, que devo me dirigir a todos que trilharam comigo este áspero, às vezes

(*) Mensagem de Natal proferida na última sessão plenária de 1990, dia 19 de dezembro, pelo Ministro Marco Aurélio Prates de Macedo, então Presidente do Tribunal Superior do Trabalho.

penoso, mas sempre recompensante caminho. É desta forma – consciente de que o encontro do homem com o seu destino nunca se dá sem amargura, como tenho dito reiteradamente – que devo falar aos que deram vida a esta Corte:

– Magistrados, veteranos e novos, que numa interação de experiências, capacidades intelectuais, vontade de servir, idealismo, patriotismo, honestidade de propósitos, amalgamados na busca unívoca do bem comum, tornaram-na um Tribunal revigorado e revigorante.

– Membros do Ministério Público, Advogados militantes nos foros trabalhistas, entes essenciais à realização da Justiça integral.

– Servidores de todas as categorias e jurisdicionados em geral, cidadãos prestantes e bons, homens e mulheres de boa vontade, que participaram conosco, devotados e conscientes, desse ato coletivo de realização dos desígnios de Deus.

Tenho que falar-lhes, inevitavelmente, de "futuro" e principalmente de "esperança" que nada mais é, conforme nos ensinou Aristóteles, do que "o sonho do homem acordado". Esperança e futuro, palavras mágicas, idéias-força, a impelirem constantemente as civilizações e a própria humanidade, enquanto cativas transitórias do seu fadário material, ao encontro da Essência. A hora é, pois, de balanço de consciência, de reflexão, de recolhimento e de paz interior. Que o nosso merecido descanso no recesso dos nossos lares e no regaço do carinho e do amor às nossas famílias, possam renovar as nossas forças e retemperar os nossos espíritos.

O "Fazendeiro do Ar" e poeta maior, Carlos Drummond de Andrade, em versos imortais, revelou-nos um dia, na primeira pessoa do singular, uma metáfora de seu labor intelectual e de seu artesanato encantado:

"(...) Aprendi novas palavras
e tornei outras mais belas
Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças".

Entoemos todos juntos, também, como nosso Auto de Natal e como melodia capaz de atrair os albores luminosos do futuro que já desponta com o Ano Novo promissor e revivificante que se anuncia, aquela mesma canção composta pelo poeta, que possa "acordar os homens e adormecer as crianças".

Que sejamos, todos, muito felizes, em comunhão com os nossos entes queridos e com o Criador!